

Menos de três anos depois, em 323 Alexandre extinguiu-se fulminado pelo impaludismo, na cidade de Babilônia. Seus comandantes disputaram como feras, o império e finalmente partilharam os despojos. Na sua morada celeste Alexandre reunira-se ao Sol²⁷, suas peripécias não mais interessam. A Grécia vivera. Roma retomaria a tocha e no seu sonho universalista continuaria a afirmar o "Único".

27. A lenda substitui aqui a História e consagra a "ascensão de Alexandre" ao Sol. Numerosas cenas, esculturas, pinturas e mesmo jóias representam essa apoteose. Roma por sua vez erguerá Alexandre à altura dos deuses e o grande macedônio terá seus templos na Cidade eterna. Voltando às representações da "Ascensão" do herói, vê-se mais seguidamente Alexandre em pé sobre o carro de Hélios (o Sol) puxado por grifos ou leões; um outro tipo de representação mostra-o arrebatado sobre seu trono: num terceiro grupo Alexandre é arrebatado por águias que o levam para o astro eterno. Por cima de todas essas figuras, sobre a cabeça do personagem brilha uma estrela, evidente símbolo astrológico de Sírio, o astro que preside os destinos dos reis segundo os egípcios e os caldeus que a chamam de *Sarrus*, o rei ou o "senhor dos céus". Seu aparecimento no céu, como já explicamos, corresponde à epifania do Sol no solstício.

CAPÍTULO IV

JULIANO OU "HÉLIOS - REI"

*Efetivamente, eu sou adepto do rei Hélios
JULIANO*

Se numa viagem à Cidade eterna o acaso vos induzir a visitar o museu do Capitólio, não vos chamará sem dúvida a atenção em meio de esplêndidas esculturas lembrando os faustos dos mecenas romanos, um busto de mármore, no qual o cinzel do escultor quis fixar os traços austeros do imperador Juliano que reinou de 361 a 365 e permanece uma das mais belas figuras da Antiguidade, apesar de todas as calúnias que cercaram sua memória e valeram-lhe o injusto apelido de "Apóstata".

Contemplando a máscara impassível de César, mais evocadora da grandeza de Roma do que as mais belas estátuas, vi à aproximação do meio-dia o rosto do imperador nimbar-se de um halo dourado, enviado pelos raios do astro do dia e diante desse milagre solar, apoteose sempre renovada do glorioso Hélios-rei, meu espírito encontrou-se transportado dezesseis séculos atrás, quando a tocha da religião antiga projetava seus últimos clarões sobre um mundo extenuado e próximo a mergulhar no longo sono da decadência.

É noite. No palácio de Constantinopla, sede do Império romano restaurado por Constantino, guardas avançam silenciosamente: eles têm a horrorosa missão de massacrar de